

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICANÁLISE

Angela Maria Lopes de Freitas Pinto

Reflexões psicanalíticas sobre o seriado *Thirteen Reasons Why*

Porto Alegre

2017

Angela Maria Lopes de Freitas Pinto

REFLEXÕES PSICANALÍTICAS SOBRE O SERIADO

THIRTEEN REASONS WHY

Trabalho de conclusão de curso de especialização apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista Intervenção Psicanalítica na Clínica com Crianças e Adolescentes

Orientadora: Profa. Dra. Luciane De Conti

Porto Alegre

2017

PINTO, A.M.L.F. (O 2017). *Reflexões psicanalíticas sobre o seriado Thirteen Reasons Why*. Trabalho de conclusão do curso de especialização Intervenção Psicanalítica na Clínica com Crianças e Adolescentes. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

RESUMO

O objetivo deste artigo é refletir, através de conceitos psicanalíticos, alguns aspectos centrais do seriado *Thirteen Reasons Why*, entre eles: adolescência, *bullying* e suicídio. Para isso, partiremos de alguns fragmentos da realidade vivida pela personagem adolescente, seus amigos e seu entorno, que envolvem o *bullying* e o suicídio. O referencial teórico construiu-se com autores que trazem diferentes abordagens sobre adolescência, porém, todos tratam esse período como árduo. A observação dos aspectos analisados como adolescência, suicídio e *bullying* proporcionados pela série nos permite enxergar através de um grande espelho o nosso adolescente contemporâneo e, com isso, concluir que é necessário reinventar novas maneiras de abordar questões complexas como o suicídio.

Palavras-chave: Psicanálise, adolescência, *bullying* e suicídio.

SUMÁRIO

Introdução.....	5
Adolescência	5
<i>Bullying</i>.....	9
Suicídio.....	14
Considerações Finais.....	18
Referências.....	19

Introdução

O presente trabalho visa analisar o seriado baseado no livro Thirteen Reasons Why (Treze Porquês, de Jay Asher (2007), e adaptado por Brian Yorkey (2017) para o Netflix, em especial, no que diz respeito à adolescência, ao *bullying* e ao suicídio, através da teorização psicanalítica. Para isso, serão examinados importantes temas referentes à contemporaneidade, através de situações vividas pelos personagens do seriado, Treze Porquês, que acompanha a história do garoto Clay que recebe uma caixa de sapatos com várias fitas cassete na porta de sua casa. Ao ouvir as gravações, Clay descobre que elas são de sua falecida colega Hannah, por quem ele era apaixonado, e que havia cometido suicídio recentemente. Nas fitas, que são enviadas com instruções para passar de um aluno a outro dentre os colegas de Hannah que a haviam perturbado, a garota explica os treze motivos que a levaram à decisão de se matar, sendo Clay um deles. Através da narrativa dramática de Hannah, é possível perceber o quanto a adolescência é um período que exige muita atenção e estudo.

Durante a escrita desse trabalho, a autora examinou alguns grupos de mídias sociais, como o *facebook* que trata da série no Brasil. Um dos grupos encontrados tinha quase 30.000 membros, cujos comentários relatavam dilemas adolescentes muito parecidos com aqueles do seriado, principalmente referentes a *bullying* e pensamentos suicidas. Outro achado nessas falas são os automutilamentos que, juntamente com a ideação suicida, são formas de alívio dos problemas que parecem não ter solução. Pode-se pensar que tais grupos sirvam como ajuda, uma vez que ali se diz muito sobre aquilo que os adolescentes não conseguem nomear ou expressar para os pais ou pessoas de seus círculos de amizade.

Entre ler o livro e assistir ao seriado, percebe-se algumas mudanças significativas, sendo uma das mais marcantes a escolha do ‘como morrer’ da personagem, que será discutida no subtítulo do suicídio. Neste tópico, são apresentados elementos para refletir a respeito desse importante tema, que se tornou tabu para a sociedade.

Antes de começar a analisar alguns personagens, é importante delimitar alguns conceitos, através de alguns autores que pensam sobre temas significativos da própria adolescência como processo, sobre *bullying* e suicídio.

Adolescência

Os adultos, no exercício de se remeter à adolescência, trazem à tona muitos sentimentos, muitas lembranças e sensações do mais prazeroso de um tempo de vitalidade ao dolorido que foi dar conta de uma experiência avassaladora – parte-se de uma posição infantil, de forte dependência para outra da ordem do mundo adulto, das escolhas e da necessidade de elaboração.

Stanly Hall afirmava que essa etapa da vida (descrita como pertencente à faixa dos 12 aos 25 anos) era marcada por tormentos e conturbações. Tais alterações estariam relacionadas à emergência da sexualidade (Cerqueira-Santos, Neto & Koller, 2014).

Alguns autores destacam as manifestações da puberdade no início da adolescência como, por exemplo, Levy (2013, p.167), que pensa ser o adolescente “um sujeito em vias de transformação, imerso em um processo profundo de revisão de seu mundo interno e de suas heranças infantis, visando a adaptação ao novo corpo, às novas pulsões decorrentes da puberdade”. Já sobre a adolescência, Levinsky (1998) a conceitua como uma fase do desenvolvimento evolutivo, em que as crianças gradualmente passam para a vida adulta, de acordo com as condições ambientais e de história pessoal. Ainda enfatizou a natureza psicossocial, ou seja, caracterizada pelo modo como a sociedade a representa. Outra autora, Rappaport (1993) usa a palavra “tarefa” para designar o que caracteriza a adolescência, ou ainda, usa a expressão “trabalho psíquico”, mesmo porque a sua durabilidade dependerá menos da idade do que do seu tempo necessário para a realização de seu trabalho, que pode durar meia a duas décadas, ou podendo atingir até três.

Rappaport (1993, p.7) discute que o mais importante na adolescência são as “mudanças subjetivas que o indivíduo terá que operar para dar conta das metamorfoses que levam à maturidade genital, ao exercício da sexualidade genital, de fato, e não mais apenas ao nível imaginativo e das mudanças na relação com o Outro, delas decorrente”.

Uma das questões da adolescência é estabelecer relações amorosas com pessoas do sexo oposto. No livro, Hannah busca saber da mãe como ter a atenção de um garoto e tem como resposta que ela deve fazer-se de difícil... Como narra Hannah, o garoto pelo qual ela se interessou esperava por ela no final das aulas e ela não sabia como agir. E como há urgências na adolescência, em especial por experiências sexuais, Hannah se impacientava com a demora do garoto em pedir seu número de telefone, até que trocassem o primeiro beijo. Contribui para sua situação o fato de Hannah ter trocado de escola – na anterior todos tinham o número de seu telefone, na nova ainda não, o que dificultava estabelecer novos contatos. Para a garota a cidade nova, escola nova, novos colegas aumentavam sua preocupação de como os demais a perceberiam. Entretanto, para Justin – esse era o nome do garoto que ela desejava – foi sua primeira paixão adolescente, fonte de suas primeiras experimentações na passagem de idade da infância para a adolescência com a sexualidade florescente.

Interessante que Rassial (1997) nomeia a adolescência como passagem adolescente, inclusive é esse o título de seu livro. O autor usa a palavra passagem pelo fato de que é durante

esse momento que o adolescente irá se confrontar com a reedição de seus conflitos infantis. Tal passagem pode ser como um tempo de espera para chegar à vida adulta, para que, enfim, se possa abandonar a posição infantil e poder ser considerado como adulto.

É mesmo nesse processo conflitivo – criança/adulto – que se situa o discurso adolescente do seriado, abordando questões como o primeiro beijo de Hannah com Justin; encontros e desencontros entre Clay e Hannah, quando dançam juntos no baile uma música romântica e quase ficam/iniciam um namoro. Confissões e segredos entre amigos Jessica Davis, Alex e Hannah são comuns, até que, nesse trio, Jessica namora Alex e excluem Hannah do pequeno grupo. Os temas de alcoolismo e drogas entre os garotos e as garotas populares da escola são parte importante do seriado, traduzindo, junto com namoros, o conjunto de conflitivas adolescentes.

Como o próprio Freud fazia para escrever seus textos, é importante também ao analista pesquisar na história, na mitologia, na literatura e, sobretudo, na clínica qual o destino do adolescente no momento, às vezes aniquilador, do encontro necessariamente faltoso com o real do sexo (Alberti, 2010). A personagem Hannah encontrava na poesia como uma via para a sublimação e, ao visitar uma feira de profissões, conversa com um bibliotecário e é convidada a participar de clube de poesia. Ryan, um colega gay e redator da revista da escola, dá um diário de presente a Hannah, pois ele também participa desse clube de poesia e eles passam a ser bons amigos.

Hannah, não gostava de poesia até que a ensinaram a gostar dela, principalmente tendo aprendido com Ryan a considerá-la uma charada que pode levar o leitor a decifrar o código, as palavras, mostrando a vida e as emoções. Para Ryan a discussão sobre poesia com Hannah levava ambos a pensar por que um poeta usaria vermelho: para simbolizar sangue, raiva, desejo ou, simplesmente porque a cor vermelha seria melhor no verso do que a preta!

Mesmo que Freud e outros fundadores da psicanálise não tenham deixado ampla bibliografia sobre adolescência, é interessante aprofundar alguns conceitos para melhor entendimento das questões que circundam esses adolescentes, como por exemplo, Blos, 1998 citado por Macedo, Fensterseifer, Dockhorn e Werlang, (2010):

A adolescência que é um período do desenvolvimento humano marcado por intensas transformações. O adolescente precisa processar importantes modificações, tanto no nível físico quanto no emocional. Frente a este afluxo de demanda, somam-se

àqueles referentes ao ambiente no qual o jovem está inserido, demarcando uma marcante característica adolescente: a instabilidade psíquica e a vulnerabilidade (p.153)

Vários personagens demonstram todo tipo de instabilidade e vulnerabilidade, principalmente emocional. Justin, por exemplo, além de suas questões próprias da adolescência, tem que lidar com pais com problemas de drogadição. Alex tem um pai que é policial e é muito repressor, tanto que ele diz sempre “sim, senhor” e “não, senhor” ao responder ao pai. Bryce, apesar de ser o anti-herói, troca de namorada toda semana, dá festas em sua casa, e sofre pela ausência dos pais, que só aparecem, no seriado, através das ligações que fazem ao filho. Hannah fala em solidão e nas formas de se sentir só.

A tendência mais atual sobre concepção de adolescência procura descartar a obrigatoriedade de preexistência de uma crise, de essa etapa ser considerada necessariamente uma fase crítica, influenciada apenas por aspectos biológicos e naturalistas, negligenciando-se fatores culturais e sociais (Cerqueira-Santos, Neto & Koller, 2014).

Enfim, a adolescência não se define por meio de fases do desenvolvimento ou de etapas cronológicas (teoria do desenvolvimento), nem apenas enquanto resultado de tensões e pressões provenientes do meio social (teoria sociológica), de modo que não é o simples pertencimento a uma determinada faixa etária que vai definir se um sujeito pode ser considerado adolescente ou não. Aqui, o que está em jogo é a operação psíquica de passagem do lugar que se ocupa na família em direção ao social, na qual entram em cena processos constitutivos desse sujeito adolescente (Rassial, 1997).

Embora alguns autores deixem de tratar a adolescência como crise, Hannah e outros adolescentes passam por diversas situações, a personagem Jessica começa a enfrentar suas ansiedades como o namoro com Justin tomando bebida e escondendo de seu pai embaixo da cama. Clay Jensen parece não expressar os sentimentos.

Um estado juvenil, talvez, indeciso. O que caracteriza o que chamamos adolescência, independentemente da idade, é a indecisão. Não uma indecisão qualquer, mas uma indecisão que se encontra na beira de se decidir. É um estado de indecisão de iminente decisão, não é um estado pacífico, é um estado de instabilidade visível, perceptível, não é um estado de status quo, não é um estado de tranquilidade e equilíbrio; pelo contrário, é um estado turbulento, pela iminência da decisão (Jerusalinky, 2003).

Nesse sentido, Hannah se construiu e se destruiu pelo que os outros pensavam dela, não sabia em quem confiar, pois teve desapontamentos. Essas desilusões intermitentes pareciam deixar a personagem a beira da indecisão e da turbulência que é a adolescência.

Bullying

Antes de conceituar *bullying*, precisa-se em primeiro lugar, compreender a ideia de agressividade. Dias (2000) aponta alguns pressupostos básicos da concepção Winnicottiana, como sendo algo inerente à natureza humana, porém não no sentido constitucional, biológico ou psíquico, mas no sentido de pertencer ao estar vivo.

Winnicott (2005, p.103), no capítulo agressão e suas raízes, indica que “amor e ódio envolvem agressividade. Por outro lado, a agressão pode ser sintoma do medo”. Lewis e Wolkmar (1993) apontam que o comportamento agressivo pode estar tanto associado ao impulso para atingir um objetivo não destrutivo em si, quanto motivado por intenções realmente hostis e destrutivas.

É necessário considerar que o nível de agressão é sensível aos hormônios sexuais. Por exemplo, a testosterona pode agir no cérebro fetal facilitando particularmente a aprendizagem de padrões de comportamento agressivo. Nas mulheres, a tensão pré-menstrual pode reduzir o limiar para a violência. Um estudo com mulheres constatou que 62% dos seus crimes violentos eram cometidos durante a semana pré-menstrual (Lewis & Wolkmar, 1993)

A agressão é considerada “neutralizada”, segundo a psicanálise, quando serve a objetivos adaptativos livre de conflitos, especialmente no funcionamento intelectual e capacidade de resolver problemas. Um exemplo seria a sublimação, onde a agressão livre é modificada e utilizada para objetivos mais elevados (Lewis & Wolkmar, 1993, p. 64).

No contexto adolescente observamos manifestações de agressividade como indicativas do turbilhão de mudanças identificatórias em que os jovens se encontram neste momento da vida. Se o retorno que damos a estes gestos são acolhidos dentro de uma perspectiva de que uma palavra possa vir a desenhar um lugar possível para o sujeito, suas motivações podem encontrar um bom endereçamento. É bastante controverso quando lemos certos atos agressivos de adolescentes como manifestação de pura violência e retorquimos equivocadamente a estes chamamentos. Isto é bastante relevante dentro do contexto pedagógico, pois sabemos que a escola é um dos lugares privilegiado para esta manifestação e ocupa a função de interlocutor do laço social no qual eles tentam se inserir. A própria adolescência se define por esta passagem da família ao laço social (Rassial, 1997).

No caso do seriado, nenhuma manifestação de violência foi gratuita, sempre havia motivação para as brigas: durante o episódio 7, por exemplo, Alex quase é atropelado por um colega - Montgomery. A culpa e a agressividade de Alex pareceu ser sua motivação para chamar o motorista para as vias de fato, enquanto todos filmam para colocar nas redes sociais, Montgomery derruba Alex e dá vários socos em seu rosto, o deixando muito machucado.

Pinho (2011) aponta, através das contribuições de Lacan, que “as manifestações agressivas encontram uma ligação central com a constituição do *eu* e sua relação ao semelhante (p.244) Tem-se um exemplo da situação em tela, pois no seriado a família de Bryce, aparece somente através de ligações telefônicas, deixando-o numa casa luxuosa com vários empregados, sem limite e supervisão alguma para suas atitudes, diante disso, esse personagem se constitui através de várias atitudes de prática do *bullying* e ainda os estupros de Jéssica e Hannah.

A partir desses conceitos, Coutinho (2013) aponta o *bullying* muito mais para o sintoma social que se encarna nas crianças e nos adolescentes do que algo que possa ser localizado em indivíduos específicos, que assumem o lugar daqueles que ameaçam a sociedade, irrompendo como uma peste, do nada, nas escolas do mundo inteiro, como vem sendo tratado pela mídia e pelo discurso médico/científico. Assim, os manuais prometem instruir com fórmulas de como combater o *bullying*, mas, paradoxalmente, o que se propaga é a lógica do combate ao outro, do esvaziamento da palavra e da Lei que sustentam os laços sociais.

A expressão *bullying* se refere a questões de rivalidades entre crianças e adolescentes, ameaças físicas, roubos, dano a objetos, fofocas, exclusão social, colocar apelidos pejorativos, qualquer dessas formas de comportamentos sempre foram comuns na escola e nos grupos de amigos. Tyler é um exemplo de sofrer *bullying*, do início ao fim do seriado; ele fotografa os colegas e, no fim do seriado, quando é entrevistado por advogados que acusam a escola de omissão, ele relata ter sofrido *bullying* com muita frequência, pois colegas baixavam suas calças, o trancavam no vestiário, batiam nele e o jogavam contra as paredes”. Tyler menciona *bullying* contra Hannah: “os garotos a chamavam de vadia e de fácil. ”

Outra forma de *bullying* sofrido por Hannah ocorre através de seu amigo Ryan, que é redator da revista que circula na escola; ele arranca do diário de Hannah uma poesia que fala de sentimentos e intimidade (“hoje estou vestindo lingerie de renda preta só para saber que a estou usando”). Quando Hannah chega, Ryan havia publicado e todos reconhecem a letra de Hannah. A professora de literatura de sua turma trabalha o poema na aula (sem saber quem era a aluna). Nesse mesmo episódio, a mãe de Hannah a incentiva a escrita e a lembra da vontade da

adolescente ser escritora. Na conversa a mãe conta que escrevia contos picantes para o marido (pai de Hannah) enquanto ele passava dias fora de casa a trabalho. Hannah, ainda que tendo sentido *bullying*, com senso de humor compara com o livro 50 tons de cinza da minha mãe. Independente do poema no episódio ser um e no livro ser outro, existiu a chacota, e seus colegas adolescentes foram implacáveis com Hannah, durante uma semana ela tentava ignorar, fingindo ler algo enquanto esperava cada aula começar. Depois disso Hannah não usa mais a escrita, e não escreve mais nenhuma poesia.

Outro elemento de *bullying* sofrido por Hannah se refere às fotos dela com Justin num escorregador, que se alastraram pelos celulares dos colegas. Também a lista feita por Alex Standall, sendo Hannah eleita “o bumbum mais gostoso” da escola. Enquanto Hannah passava nos corredores, os meninos faziam gestos obscenos e impróprios nas suas costas.

Ceccarelli e Patrício (2013) descrevem o *bullying* como uma reprodução pelos alunos daquilo que é vivenciado de forma macro por toda a sociedade. Na prática do *bullying* há uma tentativa de exclusão do mais fraco, do diferente, de tudo aquilo que foge ao padrão de normalidade, assim como acontece na sociedade de consumo, em geral. De qualquer forma, vive-se numa sociedade individualista e o *bullying* se caracteriza como um sintoma social, assim conforme Pinho (2011):

O caráter narcísico da cultura, o declínio da função paterna, o esfacelamento da tradição e o empobrecimento da experiência são questões que se encontram entrelaçadas no tecido que constitui o contexto cultural atual e que podem ser referidas como associadas ao *bullying*, na medida em que este é uma formação sintomática que implica a abolição da alteridade e da autoridade, em busca de um gozo narcisista diante da violência dirigida ao outro (p.257).

Crochik (2012) reflete sobre os determinantes da violência escolar: hierarquia escolar, o autoritarismo e a ausência de autonomia (ou de consciência), esses “fatores não devem ser limitados aos indivíduos e suas famílias, mas refletidos em relação aos conflitos existentes nesta sociedade e as consequentes implicações individuais (p.226)”.

Antunes e Zuin (2008) apresentam uma esperança e um desafio: a educação como caminho para a superação da barbárie; no entanto, permanecem ainda os momentos repressivos da cultura, como a divisão entre o trabalho físico e o trabalho intelectual e o princípio da competição que é contrário a uma educação realmente humana.

Além do *bullying* constantemente sofrido por Hannah, ela foi vítima de agressão física, como, por exemplo, quando a colega Jéssica a agride com um tapa no rosto por pensar que Hannah estava interessada em seu namorado Alex, em função de fofocas e intrigas ouvidas por ela na própria escola.

Pinho (2011, p.243) destaca que:

As primeiras pesquisas que tomaram o *bullying* como objeto de estudo datam da década de 70. Porém, o começo da mobilização coletiva em torno do assunto se deu no ano de 1982, na Noruega, quando o suicídio de três jovens foi a ele relacionado. Esse evento, que marca o início da difusão do tema, não é sem importância. Ao longo das três últimas décadas, ao mesmo tempo em que observamos os crescentes estudos e pesquisas em torno da questão, assistimos também à ocorrência de uma série de situações trágicas no ambiente escolar, as quais, ao serem divulgadas, são rapidamente assimiladas à prática de *bullying*.

Talvez poder falar sobre alguns tabus como *bullying* e suicídio tenha ajudado muitos jovens como Vinícius (entrevistado de uma reportagem da UOL – (<https://tab.uol.com.br/bullying-suicidio/recuperado> em 7 de junho de 2017): parecido com a ficção do seriado, porém essa história verdadeira traça os perigos do *bullying* e a confusão trazida por esse período, conforme narrado a seguir pela própria vítima, abaixo.

Vinicius havia sofrido sua vida inteira de piadas sobre seu peso e sua sexualidade. Ainda criança, cansou de ser comparado a um elefante na escola. As piadas viraram ameaças e as ameaças, agressões. Por só andar com meninas, virou a vítima dos meninos, que o perseguiram tentando lhe acertar boladas na cabeça durante a aula de educação física. Adolescente, se tornou, se tornou chacota por um vídeo íntimo que circulou no colégio. Sua primeira relação sexual foi abusiva. Sofreu com a pressão familiar por resultados na escola e no vestibular. Com a autoestima em frangalhos, começou a se automutilar, fazendo cortes nos braços e nas pernas. No primeiro ano de faculdade, teve uma desilusão amorosa que lhe pareceu razão para dar fim à vida. Mas o que parecia ser o fim de Vinicius marcou o começo da luta contra os traumas de seu passado. Essa é a história de como amigos, família, remédios e profissionais de saúde podem ajudar uma pessoa com depressão a encontrar um caminho para longe de seu sofrimento.

Conforme Ribeiro (2011) muito do que se assiste em depoimento de adolescentes nas redes sociais é reflexo de:

nossa sociedade que produziu um progressivo encolhimento do campo político, que é onde, tradicionalmente, se definiam as relações sociais de cada integrante de uma coletividade, entendendo-se ainda que seja na relação com o Outro, esse campo simbólico

através do qual nos constituímos, que se definem nossas formas de gozo e de sofrimento. Em outras palavras, atualmente, cada vez menos a fonte de sofrimento é atribuída a circunstâncias que abarcam toda a coletividade, como uma classe social, um ramo da economia, ou mesmo uma família; o sofrimento se tornou mais e mais individual, invisível e silencioso, como o que acomete às vítimas de *bullying* (p. 133).

Ainda Ribeiro (2011) discute uma posição interessante: em uma sociedade maníaca como a nossa, que tende a valorizar as diferentes formas de gozo, a beleza e as manifestações de felicidade, não há muito espaço nem paciência em relação às crises da adolescência, que era quando e como os adolescentes costumavam enfrentar suas dúvidas e contradições. Sem esses momentos de angústia, incerteza, frustração e construção de ideais, perde-se a oportunidade de experimentar relações e elaborar discursos capazes de produzir um posicionamento social. Apesar de o *bullying* se manifestar em uma variedade de contextos sociais, é nos conflitos adolescentes que ele se manifesta e se revela em sua radicalidade.

Nesse sentido, em que a adolescente busca e dispensa a ajuda que o *setting* analítico deve se configurar como um espaço continente a dor psíquica, independente de configuração ou intensidade Nesse espaço que entraria um pouco do trabalho do psicólogo da escola, embora não seja fácil tendo um universo com mais de seiscentos alunos para atender, no caso do seriado, a prioridade seria a personagem que deu indícios de possibilidade de suicídio e estar atento ao que se passa entre os alunos (Macedo, 2010).

Afinal, conforme Rappaport (1993), o adolescente é confrontado com necessidades de escolhas e definições que brotam dele mesmo, da família, do grupo social, precisa definir-se como homem ou mulher, escolher uma profissão, posicionar-se politicamente etc. O sistema capitalista exige dele a “melhor” escolha.

A escola da atualidade está frequentemente submetida ao discurso capitalista. Esse mesmo discurso falha enquanto regulador do laço social, pois tende a ser promotor de segregação, pautando-se sobretudo pela exclusão. Junta-se a isso a presença das ciências. O saber é transmutado em objeto, com estatuto de bem de consumo, regido pela lógica utilitária (Mees, 2011).

Ceccarelli e Patrício (2013) mostram em seu artigo uma distinção que Zygmunt Bauman (1998) realiza em “o mal-estar da pós-modernidade” entre pureza versus impureza na sociedade pós-moderna, estando a primeira disposta para uma questão de ordem, ou seja, tudo que é puro

encontra-se em seu justo lugar e em nenhum outro. O estranho é a síntese da sujeira em nossa sociedade e desafia o propósito dos esforços de organização. Os autores comparam as vítimas de *bullying* a esses estranhos. Por algum motivo aquele sujeito que é perseguido rompeu com a ordem pré-estabelecida naquela sociedade.

Da mesma forma, alguns adolescentes do grupo eram estranhos de alguma forma, como o fotógrafo, que sofreu agressividade do grupo por fotografar Hannah. A própria Hannah pela fama de menina fácil. Assim como vários relatos podem ser lidos nas redes sociais e vivenciados nas próprias escolas.

Suicídio

O tema suicídio é importante devido ao seu crescimento entre os adolescentes. Dados divulgados pela BBC Brasil (<http://g1.globo.com/bemestar/blog/doutora-ana-responde/post/suicidio-em-adolescentes-e-adultos-jovens-esta-aumentando-no-brasil-quais-seriam-razoes.html>) indicam que, entre 1980 e 2014, a taxa de suicídios entre jovens de 15 a 29 anos aumentou 27,2% no Brasil. Estes dados são preocupantes e merecem um olhar atento de todos nós. Foi pensando no adolescente da contemporaneidade que a autora se interessou pelo tema e assistiu ao seriado *os 13 Porquês* que aborda como tema principal o suicídio, além de tratar sobre *bullying*, objetificação do corpo feminino, estupro, entre outros.

Em 2014, relatório da Organização Mundial da Saúde (OMS) apontou que o Brasil é o 8º país com a maior taxa de suicídios do mundo. O estudo ainda afirma que a cada 40 segundos, uma pessoa comete suicídio no mundo. E mais, para cada suicídio bem-sucedido, há pelo menos 20 tentativas fracassadas. Porém, dos 194 países da OMS, apenas 60 coletam dados sobre o assunto e apenas 28 têm estratégias nacionais para sua prevenção.

É importante a etimologia de suicídio: do latim, *sui*, ou do grego *autos*, "próprio" e do latim *caedere* ou *cidium*: "matar", ou seja é o ato voluntário de tentar contra a própria vida. É morte por lesão autoprovocada, ato infligido que resulta em morte. Atinge todas as culturas, classes sociais e idades. Tem causas multifatoriais complexas e nunca requer abordagem simples (Kovács, 1992).

Teixeira (2009) reforça essa ideia anterior de que o suicídio resulta da interação complexa de fatores ambientais, sociais, psicológicos e biológicos. E ainda que acometem qualquer pessoa, independente do grau de instrução e posição socioeconômica-cultural. Relativo a essa

complexidade, muitas explicações tanto sociológicas, psiquiátricas e psicológicas tentam justificar essa escolha tão drástica. Segundo Teixeira (2009, p.304) “a escolha de um determinado método está ligado à intencionalidade do ato suicídio”. No livro a personagem se suicida através da ingestão de medicamentos já no seriado tem-se uma morte com o corte vertical com uma gilete acima dos pulsos. O motivo da troca feita pelos roteiristas do seriado era para realmente ser mais doloroso do telespectador assistir. A justificativa era deixar claro que não há nada que valha o suicídio, e também que não há nada de belo e fácil, sendo esse momento o auge da série, onde sua mãe a encontra na banheira já sem vida. O sofrimento de seus pais é algo que nunca acaba, outra grande diferença, uma vez que no livro a família de Hannah não aparece, já no seriado temos um pai e uma mãe que lutam até o fim para entender por que a filha se suicidou.

Já referente ao tratamento, para Kovács (1992, p.189) o “tratamento de pacientes suicidas demanda profunda compreensão de suas motivações básicas” que, normalmente, são variadas. Como a própria personagem conta, apresentando as 13 razões para seu ato, fica claro que realmente existem vários fatores que culminam em seu suicídio, e tais não foram acolhidos pelo conselheiro da escola. Como as próprias gravações cassetes mostraram a personagem vinha mostrando claras evidências de uma depressão e possível ideação suicida.

Lacan (1948), citado em Rosa Jr (2011), aponta para as possibilidades de direção do tratamento com esses adolescentes, convocando-nos a acolher os significantes que, no transcorrer do processo analítico, situam o desamparo vivenciado pelo sujeito ao longo de sua vida, deixando-o jogado num excesso de excitação que não pôde ser suficientemente simbolizado, face ao dismantelamento de seu próprio imago. No seriado, nenhum dos personagens se submetia à terapia. A mãe de Clay, num diálogo com o pai, que é doutor em literatura, salienta a importância das “palavras” e que Clay deveria voltar a tomar antidepressivos, mas Clay repele essa ideia, pois há dois anos já não utilizava mais a medicação e não via necessidade de voltar, mas sua mãe acreditava que ele passava por problemas e que o suicídio de Hannah o afetava.

O olhar psicanalítico sobre o tema pode ser sintetizado no conceito postulado por Freud em “Luto e Melancolia” (FREUD, 1917/1996), da própria melancolia como “o ego sucumbe ao completo” (p.259). É nessa disposição que se pode entender o suicídio de Hannah, haviam claros sinais, não percebidos pelo conselheiro, de depressão e, sem condições de elaborar seus dilemas, a garota acaba passando ao ato.

Nesta perspectiva, para Cardoso (2001):

A passagem ao ato costuma manifestar-se quando os *actings* reiteradamente fracassam em sua dimensão de convocação. Naquela o sujeito se precipita numa ação extrema que

pressupõe uma ruptura e uma alienação radicais, com desmoronamento de toda a mediação simbólica. O caso mais ilustrativo seria o do suicídio consumado (p.92-93).

Vale lembrar, conforme disposto anteriormente por Kovács, que provavelmente haverá mais de um fator para predispor um indivíduo ao comportamento autodestrutivo. O alerta deve existir quando uma constelação de fatores de risco estiver presente. A presença de ideação suicida sempre deve ser considerada. A ideação suicida se refere aos pensamentos de autodestruição ou a ideias suicidas. Engloba desejos, atitudes ou planos que o indivíduo tem para pôr fim a própria vida. A identificação precoce deste tipo de ideias, certamente, permite ajudar a evitar tentativas de suicídio e a prevenir o auto dano exitoso (Borges e Werlang, 2006).

O seriado apresentou vários precipitadores para o suicídio, como o estupro ocorrido com Hannah e a colega Jéssica. O *bullying* pela reputação que julgava ter como uma garota fácil e a exposição de sua intimidade, parecem ter culminado numa grande sensação de vazio e falta de esperança. Tem-se a confirmação quando Hannah nas fitas cita a teoria do caos: “o bater das asas de uma borboleta num extremo do globo terrestre, pode provocar uma tormenta no outro extremo no espaço de tempo de semanas”.

De maneira geral, há que se ter atenção nos motivos que podem levar um jovem tentar suicídio, uma vez que, sua vivência, muitas vezes, é de períodos intensos. A adolescência é, por um lado, um momento crítico do desenvolvimento humano e, por outro lado, nela se faz presente exigência de intenso trabalho psíquico, que opere em prol desse processo. Entretanto, o adolescente pode estranhar a si mesmo, sentindo-se um estranho dentro do próprio corpo que sofre importantes transformações, o que, de certa forma, torna passível a ocorrência de comportamentos autodestrutivos. Por vezes, torna-se impossível para o adolescente encontrar recursos para lidar com toda esta turbulência que enfrenta. Para expressar a intensidade de seus conflitos internos e na maneira atrapalhada de lidar com eles, o adolescente pode partir para uma tentativa ou um ato consumado de suicídio (Macedo, Fensterseifer, Dockhorn, Werlang, 2010).

Refletindo sobre o ato consumado e o que está além dele como “fato social”, termo referente ao suicídio, segundo o sociólogo Emile Durkheim, o mesmo destaca que o suicídio é uma doença da época, sendo a anomia, um estado marcado pela falta de regulamentação, paixões ilimitadas, horizontes infinitos e tormento: cenário potencializador da prática de suicídio. Conforme o sociólogo, cada sociedade está predisposta a fornecer um contingente determinado de mortes voluntárias, e o que interessa à sociologia sobre o suicídio é a análise de todo o processo social, dos fatores sociais que agem não sobre os indivíduos isolados, mas sobre o grupo, sobre o conjunto da sociedade (Cabral, n.d.).

Mesmo atualmente se pode utilizar a terminologia usada de Emile Durkheim quando se trata de suicídios no que se refere à sociedade como um todo. Por exemplo, há pouco, os principais noticiários mundiais trataram do fenômeno surgido em uma rede social russa “Baleia Azul”, ligado ao aumento de suicídios de adolescentes; segundo Kuster (2017), acredita-se que o jogo esteja relacionado com mais de cem casos de suicídio pelo mundo, especialmente de jovens. O jogo constituía-se de desafios, o que muito desperta o interesse dos adolescentes, ao se sentirem motivados a cumprir metas para atingir as próximas, sendo o último o desafio tirar a própria vida.

Portanto, é necessário que o olhar seja atento, não no sentido de pulsão escópica, mas no sentido do cuidado e do porvir. Os manuais de prevenção ao suicídio descrevem a existência de três fases no processo de suicídio: a primeira é a ideação, quando a pessoa começa a pensar na ideia de colocar um fim no sofrimento; a segunda é o planejamento, que é quando ela realmente vai pensar em como pode fazer aquilo (cortar os pulsos ou tomar remédios, por exemplo); e, a terceira, é o ato propriamente dito (Ministério da Saúde, 2006). Durante estas etapas, a pessoa geralmente diz ou deixa pistas, conforme no próprio seriado a personagem em sala de aula se auto declarou uma suicida previsível, pois havia feito várias mudanças repentinas como o corte de seu cabelo, além disso, teve exposta uma de suas poesias, um tanto sombria. O adolescente pode falar que quer morrer, que não quer sair mais da cama, que deseja não acordar mais ou expressar este sentimento por meio de um desenho. É por isso que precisamos dar atenção quando alguém fala que vai se matar embora ainda não tenha tentado. Isso já é um pedido de socorro (Ministério da Saúde, 2006).

A estimativa de que nove em cada 10 casos de suicídio (ou seja, 90%), segundo a Organização Mundial de Saúde (2006), poderiam ser evitados aponta para o importante ato de procurar prevenir. Um primeiro passo é preciso acabar com o tabu social que ainda envolve o tema. As pessoas têm dificuldade em falar sobre isso e a informação não circula, não chegando a quem precisa. Para aumentar este alerta, foi criado o Setembro Amarelo, movimento mundial que tem como objetivo conscientizar a população sobre a realidade do suicídio. O movimento é estimulado mundialmente pela Associação Internacional pela Prevenção do Suicídio. Por último, outro passo importante é ficar alerta aos “4D- depressão, desesperança, desamparo e desespero (Ministério da Saúde, 2006, p.52) ”.

Em relação à prevenção, Dolto (1990, p.116) considera que a prevenção passa pela necessidade de se falar da morte. A maioria dos adultos não deseja falar em morte, e talvez fosse aconselhável falar mais francamente com os adolescentes, principalmente com aqueles que têm problemas. A criação de programas escolares de prevenção destinados aos pais de alunos, aos professores e aos estudantes, esses programas dão conselho e informações sobre o problema:

como reconhecer uma pessoa com tendência suicida, como ajudá-la, quais são as instituições a que se recorrer nesses casos.

Depois do suicídio de Hannah, no seriado é criado um memorial - todos ficam bem mobilizados, a Escola chama os pais para conversar e todos se solidarizam com os pais de Hannah. A mãe de Hannah, ao usar o banheiro das alunas, verifica todo tipo de ofensas escritas nas paredes e pede que a Escola veja como proceder de forma a estar mais presente na vida dos alunos.

Considerações Finais

Pela observação dos aspectos analisados como adolescência, suicídio e *bullying* no ambiente escolar proporcionados pela série *Thirteen Reasons Why* enxerga-se através de um grande espelho o nosso adolescente contemporâneo. Em pesquisa feita por mídias sociais foram encontrados dezenas de grupos formados majoritariamente por adolescentes que seguem o seriado. Numa leitura rápida, é possível detectar que centenas se identificam com a personagem Hannah Baker, pelas questões de bullying principalmente.

A experiência e o novo olhar cultural, ao contrário de tempos anteriores, devem estabelecer novas formas de viver e se relacionar com o outro. Reinventar novas maneiras de abordar questões complexas como o suicídio não deve ser uma ameaça.

Por fim, o que se percebe em muitos casos é a recusa, ou a dificuldade, de os pais e/ ou professores assumirem uma posição de autoridade frente aos adolescentes, de assumirem uma posição de onde eles possam, legitimamente, transmitir ideais e valores que sejam, ao mesmo tempo, singulares e voltados à produção de relações sociais mais solidárias. É necessário que algo dessa ordem seja colocado para que, em algum momento, ali se manifestem as dúvidas, contestações e identificações que serão importantes, tanto para um constante reposicionamento na relação entre eles (necessário para que os filhos possam também se tornar pais), quanto para a produção de formas de inserção social nas quais os filhos adolescentes possam levar adiante desejos e projetos, nos quais os outros sujeitos sejam tomados como sujeitos, e não como objetos de uma violência cuja única função é a de tentar, sem sucesso, amainar suas angústias (Ribeiro, 2011).

Esses temas adolescência, bullying e suicídio ainda não se esgotaram e ainda há muito a se pesquisar, pois são assuntos que desde sempre existiram, porém com outro nome ou roupagem. E se for realizada uma pesquisa nos blogs adolescentes de hoje, vamos observar as mesmas angústias de anos atrás. Deste modo, pode-se crer que tais questões possam sempre serem novamente abordadas – pela relevância e porque novos elementos novos podem surgir, uma vez que há mudanças na sociedade que repercutem na maneira como o adolescente é visto e como ele se coloca no mundo.

Portanto, acredito na relevância dos temas abordados no texto, podendo ainda muitos outros elementos serem estudados futuramente. Sugere-se a relação psicólogo escolar x bullying x suicídio, assim como o amadurecimento de personagens como Clay, e as características da outra tentativa de suicídio que o seriado teve com Alex.

Referências:

Antunes, D.C e Zuin, A.A.S. (2008). Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. *Revista psicologia & sociedade*, 20(1), 33-42.

Alberti, S. (2010). *O adolescente e o Outro*. Rio de Janeiro, Zahar.

Bandeira, C.M & Hutz, C.S (2010). As implicações do *bullying* na auto-estima de adolescentes. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 14(1), 131-138.

Bandeira, C.M & Hutz, C.S (2012). Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 16(1), 35-44.

Borges, V.R. & Werlang, B.S.G. (2006). Estudo de ideação suicida em adolescentes de 13 e 19 anos. *Rev. Psicologia, saúde & doenças*, 7 (2), 195-209.

Borsa, J.C. & Bandeira, D.R. (org) (2014). *Comportamento agressivo na infância: da teoria à prática*. São Paulo, Casa do Psicólogo.

Cabral, J.F.P. (n.d.). Sobre o suicídio na sociologia de Èmile Durkheim. *Rev. Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/filosofia/sobre-suicidio-na-sociologia-Emile-durkheim.htm>>. Acesso em 06 de junho de 2017.)

Cardoso, M.R. (2001) *Adolescência: Reflexões psicanalíticas*. Rio de Janeiro: Nau FAPERJ.

Ceccarelli, P.R. e Patrício, C.J. (2013). Bullying e Pós-modernidade: uma relação intrínseca. *Revista Polêmica*, 12(3), 415-431.

Crochik, J.L. (2012). Fatores Psicológicos e sociais associados ao Bullying. *Psicologia Política*, 12(24), 211-229.

Dolto, F. (1990). *A causa dos adolescentes*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

Dias, E.O. (2000). Winnicott: agressividade e teoria do amadurecimento. *Natureza humana*, 2(1), 9-48. Recuperado em 09 de julho de 2017, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151724302000000100001&lng=pt&tlng=pt.

Freud, S. (1917/1996). *A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos*. Obras completas, ESB, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago.

Freud. (1920/1996). *Além do Princípio de Prazer*. Obras completas, EBS v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago

Jerusalinsky, A.N. Adolescência e Contemporaneidade. in Conselho regional de Psicologia 7ª Região. *Conversando sobre Adolescência e Contemporaneidade*. Porto Alegre: Libretos, 2004.

Kovács, M. J. (1992). *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo, Casa do Psicólogo.

Kuster, M. (2017) (<http://www.margarethkuster.com.br/home/destaque/50>, recuperado em 7 de junho de 2017).

Macedo (2010). *Adolescência e psicanálise: interseções possíveis*. Porto Alegre, Edipucrs.

Mees, L.A. (2011). Implicância ou bullying. *Rev. Assoc. Psicanalítica Porto Alegre*, Porto Alegre, 40, 119-132, jan./jun. 2011

Lewis, M & Wolkmar, F. (1993). *Aspectos Clínicos do Desenvolvimento na Infância e Adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Ministério da Saúde (2006). *Prevenção do Suicídio: manual dirigido a profissionais das equipes de saúde mental*. Unicamp. recuperado de http://www.cvv.org.br/downloads/manual_prevencao_suicidio_profissionais_saude.pdf

Lacan, J. (1957-58/1999). *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro, Zahar.

Levy, R. (2013). O adolescente. In: Eizirik, C.L. & Bassols, A.M.S. (Orgs) *O Ciclo de Vida Humana: uma perspectiva psicodinâmica*. Porto Alegre, Artmed.

Levisky, D.L. (1998). *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. São Paulo, Casa do Psicólogo.

Pinho, G. S. O sujeito do bullying. In: APPOA, Associação Psicanalítica de Porto Alegre (Org.). *Autoridade e violência*. Porto Alegre: APPOA, 2011.

Rappaport, C.R. (1993). *Adolescência: abordagem psicanalítica*. São Paulo, EPU,

Rassial, J-J. (1997). *A passagem adolescente: da família ao laço social*. Porto Alegre, Artes e Ofícios.

Winnicott, D.(2005). *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes.

Ribeiro, E.M. (2011). Bullying: uma violência em busca de sentido. *Autoridade e violência*/Comissão de Periódicos da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (org). Porto Alegre:APPOA.

Teixeira, C.M.F.S. (2009). Comportamento suicida na adolescência. In: *Adolescentes: uma abordagem multidisciplinar*. Malagutti, W e Bergo, A.M.A. Editora Martinari.

Thirteen Reasons Why. Brian Yorkey, produzido por Joseph Incaprera (2017), baseada no livro *Thirteen Reasons Why*, de Jay Asher para a Netflix.

”